



A MATERNIDADE EM QUESTÃO: ANÁLISE DISCURSIVA DA COLUNA A MÃE TÁ ON NA REVISTA CRESCER

Cláudia Janice Hilgert¹

Fernanda Hister²

INTRODUÇÃO

Neste estudo objetivamos analisar os discursos acerca da maternidade, a partir de recortes da coluna de Andrea Sadi, “A mãe tá *On*”, publicada de forma eletrônica na revista *Crescer* da editora Globo, direcionada a um público de gestantes, mães e pais de crianças pequenas. A partir desta investigação histórico-ideológica dos sentidos sobre a maternidade, pretende-se demonstrar como são enunciados mudanças e questionamentos de padrões estabelecidos, que buscam configurar o ser feminino e o ser mãe hoje.

Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo* (1967), traz a mulher como uma construção de si, não devendo ser pré-determinada pela biologia, pela economia, religião ou outras formas de dominação. Segundo a autora (1967, p. 9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Em sua obra, Beauvoir (1967) analisa fatos sobre a mulher a partir de diversas perspectivas teóricas, como a biológica, psicanalítica e histórica, demonstrando como estas áreas, mesmo que não possam definir o que é a mulher, contribuíram para o discurso desta como ser inferior, o negativo do masculino, o outro nas relações. Assim, a mulher foi submetida pelo patriarcado, pela dominação masculina, o que a limita em suas vivências, reduzindo-a a papéis de servir o homem, como mãe e esposa, por exemplo. E é justamente neste ponto que o movimento feminista intervém, no sentido de abrir à mulher outros papéis e posições na sociedade, aqueles que ela quiser ocupar.

Por sua vez, a maternidade, um papel considerado natural à mulher, sofreu uma transformação na forma como é entendida atualmente, segundo Emídio (2011), após um longo processo histórico e cultural. A maternidade e a infância passaram a ser valorizadas, a partir da preocupação com a preservação da espécie e produção de mão de obra. O sentimento, naturalizado como instinto materno, foi produzido, a partir do século XVIII, partindo da necessidade de diminuir as taxas de mortalidade infantil.

Além disso, a partir da revolução industrial, de acordo com Emídio (2011) a mulher recebeu novos papéis na sociedade e na família, passando a se responsabilizar pelo cuidado do lar e das pessoas que nele viviam, garantindo a continuidade e a manutenção da espécie, se ocupando também da subsistência financeira da família. A mulher tornou-se o “eixo da família”, e o papel dela, enquanto mãe, tornou-se idealizado, com as diversas teorias de como ser uma boa mãe. Porém, estas teorias não levam em

¹ Psicóloga, mestra e doutoranda em Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

² Psicóloga, mestrandia em letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

consideração que a maternidade não é um padrão, cada mulher tem uma forma singular de realizar seu percurso, de acordo com sua subjetividade.

O aporte teórico deste trabalho é constituído pela Análise do Discurso pècheutiana (doravante AD), teoria situada no entremeio das teorias do materialismo histórico, da teoria do discurso e da linguística, atravessada por uma teoria do sujeito de base psicanalítica. Desta forma, considera-se que o discurso é um produto da história, constituído pelas memórias discursivas e determinado por zonas de sentidos ideológicas. Com isto, Michel Pêcheux ([1969] 2014, p. 147) formulou o conceito de formação discursiva (doravante FD) para a teoria da AD, como aquilo que “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

Ou seja, é a formação discursiva que determina, de acordo com Pêcheux ([1975] 2014), por meio do assujeitamento ideológico do sujeito, o sentido do discurso. Nos discursos sobre a mulher, sobre o feminino e sobre a maternidade podemos identificar diversas formações discursivas funcionando e produzindo sentidos, como a FD religiosa, FD feminista, FD patriarcal, entre outras. A identificação das FDs é importante instrumento para evidenciar sentidos que estão em funcionamento e em tensão no *corpus* deste trabalho.

O sujeito, a partir disso, se insere em determinadas formações discursivas para dar sentido ao que diz, pois, no entendimento de Pêcheux ([1975] 2014), ele é duplamente constituído e assujeitado, pelo inconsciente e pela ideologia, para produzir discurso. Este duplo assujeitamento produz o que se chama de *efeito sujeito*, em que o sujeito acredita ser a fonte de seu dizer, a origem do enunciado que produz. Assim, a determinação ideológica é apagada para que o sujeito enuncie e naturalize o discurso como seu.

O discurso também é determinado historicamente, segundo Pêcheux ([1969] 2014), a partir do que chamou de condições de produção. A noção de condições de produção foi emprestada da teoria de Althusser que, por sua vez, a importou do âmbito dos estudos sobre economia, que pode ser entendido pelas relações de força em determinado momento histórico. Os sujeitos ocupam lugares discursivos nas formações sociais, e o discurso significa também levando em consideração as relações estabelecidas entre eles.

Desse modo, ao pensarmos o contexto da mulher e mãe atualmente, percebemos que ocorreram transformações sociais, históricas e econômicas em que as mulheres vêm conquistando novos e importantes espaços discursivos. O acesso ao mercado de trabalho, as universidades, o apropriar-se de seu corpo e de sua sexualidade as aproxima de seu desejo. O feminino e suas novas figurações circulam com intensidade nas produções culturais de nossa época, nas obras literárias, no cinema, no campo das artes plásticas, traduzindo todo um movimento que está longe de seu estado final.

O SER FEMININO E O SER MÃE NO DISCURSO SOBRE A MATERNIDADE - A MÃE TÁ ON

Na coluna “A mãe tá on”, a jornalista e colunista Andrea Sadi relata a experiência que vivenciou na gestação gemelar de seus filhos e no período pós-parto. Na era dos discursos digitais, os influenciadores e figuras públicas (artistas, políticos, jornalistas como a autora da coluna) alcançam milhares de pessoas com suas postagens e muitos fazem disso sua profissão. Para além do alcance da própria revista *Crescer*, a

autora publica recortes da coluna em suas redes sociais. Como exemplo do seu alcance, em outubro de 2020, a jornalista contava com uma numerosa legião de seguidores, mais de 500 mil seguidores no *Instagram*.

O nome da coluna - *A mãe tá on* - remete a um jargão próprio das redes sociais - *tá on* - que possui conotação de estar incluída na discussão, de ter atenção aos acontecimentos, de estar atualizada, ligada. Provavelmente saído dos aparelhos eletrônicos o *On/Off* do inglês, que significa ligado/desligado, estar *on* traz sentidos de que a jornalista, em uma fase da vida em que muitas mulheres desligam do mundo e se voltam para a maternidade, continua “ligada” em seu trabalho, não abrindo mão de produzir material para publicação.

Os recortes analisados neste trabalho, foram publicados de março a abril de 2021. A primeira sequência discursiva (doravante SD), abaixo, foi publicada em 03 de março de 2021, e a jornalista faz reflexões sobre o momento de sua vida em que ficou grávida, sua rotina de trabalho em *home office* por causa da pandemia de Covid 19 e sobre como conciliar sua carreira com a chegada dos filhos gêmeos.

SD1: Hoje, grávida de gêmeos, aos 33 anos, meus meninos nem nasceram e eu já paguei a língua: espero repetir minha mãe para Pedro e João. E já tenho feito coisas baseada no que ela fazia - e a vejo quando me olho no espelho. Mas é exatamente aí que começam todas as dúvidas: vou ser uma boa mãe? Vou dar conta? Como vai ser conciliar carreira e filhos? A gente se vira, é verdade? **Vou me reconhecer como mulher?** Eles vão gostar de mim? Como minha mãe fez para criar três filhos **praticamente sozinha?** Eu tenho André [Rizek] (SADI, 2021a, grifos nossos).

Neste recorte, Sadi coloca uma questão importante que recai sobre a mulher pós maternidade: "Vou me reconhecer como mulher?" O ser mulher e mãe, como duas identidades distintas, necessitam uma identificação, para se unificar em uma só pessoa, com sua própria mãe, em uma busca por um suposto conhecimento que ela possua sobre a maternidade e o feminino. A autora produz um movimento de aproximação e afastamento de sua mãe. Utiliza da comparação com a mãe, “praticamente sozinha”, consigo mesma, “eu tenho André” (que é o marido e pai de seus filhos), para ilustrar a oposição entre sua geração e a geração anterior, com supostas mudanças em suas condições.

A feminilidade não é algo que se transmite geneticamente. Para a psicanálise, “a” mulher não existe, no sentido de uma categoria unificada e homogênea. A mulher deve ser tomada uma a uma (PRATES, 2017). Já a maternagem, os cuidados com o bebê, podem ser ensinados numa transmissão de saber, de modo que podem ser realizados por outras pessoas. É o que se chama de função materna. Porém, neste recorte (SD1), os sentidos sobre mãe e mulher se fundem: sendo mãe, “vou me reconhecer como mulher?”, demonstrando que o receio da autora é que, para advir a mãe, a mulher tenha que desaparecer. Aqui, emerge um ideal, uma memória sobre a mãe, da mulher que, tendo filhos, tenha que se dedicar inteiramente a eles, sem outros desejos, aspirações, formas de realizar-se. A maternidade torna-se, em muitas mulheres, sua própria identidade.

Se coloca também em questão, na SD1, a sexualidade da mulher/mãe, pois, apesar da reprodução nos humanos ser sexuada, o imaginário sobre a mãe ideal é baseado no ideal cristão, a virgem Maria, em que a sexualidade é totalmente apagada. A sexualidade das mulheres que são mães, é um tabu. Quem exerce uma sexualidade é a mulher, não a mãe. Estas duas posições estão em conflito neste recorte, o que se reflete no temor da autora, em diluir-se como mulher na função de mãe. Este dizer faz parte de uma FD que já se distancia desse ideal, pois reflete um desejo da autora em ser mãe e mulher.

Assim, Andrea Sadi vai compartilhando seu discurso reflexivo com o público, buscando em sua memória registros de sua mãe, como seu primeiro modelo materno, sustentado a partir de si mesma uma fala mais feminista e contemporânea de sua constituição, mesmo assim não imune aos efeitos que recaem sobre a mulher pós maternidade.

Na SD2, um recorte de uma publicação do dia 18 de março de 2021, a colunista comenta sobre sua relação com seu marido, sobre memórias de sua família na infância, uma família “árabe machista” e sobre suas expectativas em educar seus filhos, 2 meninos, de forma mais igualitária, em uma educação feminista.

SD2: A mente da gente é uma coisa muito doida. Claro que é uma cena que pode parecer boba para quem ler, mas, para mim, cheia de significados sobre o papel e responsabilidades do pai na criação dos filhos: **minha mãe sempre sobrecarregada**, sem ajuda paterna no dia a dia, como se a responsabilidade fosse só dela - da louça à escola, da arrumação à criação (SADI, 2021b, grifos nossos).

Este recorte produz sentidos não somente de uma memória individual, da autora sobre sua mãe, mas a memória de uma condição estabelecida para o sexo feminino, que é a de que a mulher está para servir, como se isso fosse uma determinação biológica, em que deve assumir determinadas tarefas e papéis que, na verdade, foram construídos e assumidos ao longo dos anos, por razões histórico-culturais (PRATES, 2017, p.30). Nesse recorte, Sadi traz sua angústia diante daquilo que deseja para si e a experiência vivida por ela, enquanto filha de sua mãe "sempre sobrecarregada".

De forma indireta, o recorte produz sentidos sobre o que são as “responsabilidades do pai” para a colunista, em que a falta do pai sobrecarrega a mãe. Apesar de produzir um deslocamento do papel da mulher, da que é sobrecarregada por ser, sozinha, responsável pelos cuidados dos filhos e da casa, ainda resta o papel do pai como “ajuda” no trabalho familiar, no fragmento “sem ajuda paterna no dia-a-dia”, que consta no recorte quase como um ato falho, pois em geral, em seus artigos, a jornalista defende a posição de que o homem não ajuda mas, sim, divide tarefas.

A próxima sequência discursiva, SD3, é um recorte de um artigo publicado em 15 de abril de 2021, uma semana depois do nascimento dos gêmeos, intitulado Mãe Polvo. Nesta publicação a colunista reflete sobre as novas experiências da maternidade, sobre a quantidade de tarefas e atividades e sobre os sentimentos experimentados desde o nascimento dos filhos.

SD3: Ao me deparar agora com a nova rotina que, aos poucos, dia a dia vamos nos adaptando, fico pensando que **toda mãe tem essa característica: se desdobrar em mil para abraçar tudo, para dar conta do recado**. Aqui, o recado é dobrado. Nesses primeiros dias, sei perto de zero sobre maternidade, mas já tenho a completa convicção de que perdi o controle absoluto das coisas. Que eu vou ter medos e inseguranças o tempo todo sobre a saúde dos bebês, por exemplo, e que todos os clichês sobre amor aos filhos são verdadeiros (SADI, 2021c, grifos nossos).

A maternidade chega como um real, um corte, um não sabido para a mulher, momento em que ela precisa criar no simbólico um sentido para a falta do saber. A mulher necessita se inventar duas vezes, uma enquanto o ser mulher e a outra quando se depara com o ser mulher e mãe. Diante desse processo complexo de recriação de si, essa mulher recém mãe, ainda necessitará lidar com o inevitável desencontro entre o bebê que nasce e o que era esperado por ela.

No fragmento destacado na SD3, “toda mãe tem essa característica: se desdobrar em mil para abraçar tudo, para dar conta do recado”, são produzidos sentidos a respeito de um imaginário, novamente,

sobre um ideal de mãe, da que tem que dar conta de tudo, daquela que “abraça”, que tem uma postura terna, além de assumir todas as demandas dos filhos. Quando a autora utiliza a expressão “toda mãe” produz um sentido de intensidade desse imaginário, são todas as mães que se desdobram para atender o que se espera delas, “para dar conta do recado”. Se levamos em conta a sequência anterior, SD2, publicada quase um mês antes, surge novamente a mulher “sobrecarregada”, de que a colunista tentava se distanciar, ao reivindicar a responsabilidade dos pais e maridos na criação dos filhos.

A aparente contradição entre os dizeres da SD2 e SD3 é produzida pelas falhas no campo ideológico no qual as formações discursivas presentes no discurso são ocasionadas. Segundo Pêcheux ([1975] 2014), a ideologia não é homogênea e uniforme, pelo contrário, é furada e falha, o que permite deslocamentos de sentidos, contradições, identificações e desidentificações. No discurso, os furos ideológicos são encobertos pelo efeito da transparência dos sentidos, isto é, ao sujeito, assujeitado à ideologia e ao inconsciente, as contradições são apagadas pela evidência do enunciado, no funcionamento das formações discursivas (FDs).

É o funcionamento da ideologia que permite esse movimento de aproximação e afastamento de modelos maternos que a jornalista produz em sua coluna. De um imaginário pré nascimento, ela se encontra agora, na SD3, com o real da maternidade: “sei perto de zero sobre maternidade, mas já tenho a completa convicção de que perdi o controle absoluto das coisas”. E, nesse não-saber, ora se aproxima de sua mãe, ou de “toda mãe”, como modelos, ora se afasta deles, da figura da mãe sobrecarregada, produzindo sentidos bem mais complexos, agora em sua “maternidade real” (expressão utilizada algumas vezes por Sadi), vivida na pele, do que em sua organização imaginária, anterior ao nascimento dos filhos.

Na maternidade “real”, no real da maternidade, a sobrecarga pode ser aliviada pela participação mais próxima do pai, mas nem toda. Há funções, tarefas que a mulher não tem como dividir, como a própria gestação e a amamentação, a sobrecarga de hormônios, sentimentos contraditórios, inseguranças e todo um momento de aprendizagens e adaptações que esta mulher precisa realizar para “dar conta do recado” e não se perder de si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos dizeres da jornalista e mãe Andréia Sadi, são evidenciadas muitas de contradições e também rupturas na sua construção materna e de si mesma, ao se deparar com o nascimento de seus filhos gêmeos. A maternidade lhe traz inúmeras implicações como o ser mulher e mãe ao mesmo tempo, questões que assolam muitas mulheres que como Sadi, passam por esse momento na vida, fazendo com que o número de leitores e seguidores de sua coluna na revista *Crescer*, em que Andrea divide suas elaborações, como se ela fosse de fato uma porta voz de um sentimento de angústia, do não saber o que se é, enquanto se tenta ser mãe.

Assim, como articula Prates (2017), de um lado temos uma mulher tentando se reinventar de modo singular dentro de sua maternagem e de outro lado, as mazelas de uma sociedade que impõe um discurso pré-estabelecido sobre bebês e mães, não abrindo espaço para a maneira sempre singular com que cada sujeito lida com seu corpo e com seu desejo.

A colunista, em seus diversos textos, faz menção ao quanto a situação da mulher mudou, usando como parâmetro para comparação as memórias sobre sua mãe. Porém o fato desta mudança ser reafirmada tantas vezes, levanta sentidos contraditórios: porque é necessário afirmar isso tantas vezes? Qualquer que tenha sido a mudança da situação das mulheres, não está consolidada e apaziguada na sociedade em geral, talvez somente em alguns poucos lares. Sadi traz o quanto deseja ser diferente de sua mãe “sobrecarregada”, mas ainda vive em uma sociedade em que os direitos reprodutivos da mulher, isto é, condições para que a mulher tenha seus filhos (ou não) com dignidade, são sobrepostos pelos diversos deveres, como trabalhar fora e os cuidados domésticos, que as mulheres ainda se veem obrigadas a assumir. A mulher que tem filhos e mantém a carreira, precisa passar por inúmeros obstáculos, impostos pela sociedade em geral, pelos empregadores, pelo companheiro. No fim, a geração de mulheres, que está em seus 30/40 anos, está sob tantas, ou mais, imposições que as gerações anteriores.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- EMÍDIO, T. S.. **Diálogos entre feminilidade e maternidade**: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- EMÍDIO, Thaissa Souza. **Diálogos entre feminilidade e maternidade**: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69) [1969]. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PRATES, Ana Laura. **Feminilidade e Experiência Psicanalítica**. São Paulo: Agente Publicações. 2017.
- SADI, Andrea. Como vai ser conciliar carreira e filhos? Vou dar conta? **Revista Crescer**, 03 mar. 2021a. A mãe tá on! Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Andreia-Sadi-A-mae-ta-on/noticia/2021/03/andreia-sadi-como-vai-ser-conciliar-carreira-e-filhos-vou-dar-conta.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- SADI, Andrea. Segura aqui que o filho é nosso. **Revista Crescer**, 18 mar. 2021b. A mãe tá on! Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Andreia-Sadi-A-mae-ta-on/noticia/2021/03/segura-aqui-que-o-filho-e-nosso.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- SADI, Andrea. Mãe polvo. **Revista Crescer**, 15 abr. 2021c. A mãe tá on! Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Andreia-Sadi-A-mae-ta-on/noticia/2021/04/andreia-sadi-mae-polvo.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.